

**REGIONALISMO NA LIBRAS:
DIFERENÇAS PRESENTES NA EXECUÇÃO DOS SINAIS**

Jéssica Rabelo Nascimento (UFMS)
jessicarabelonascimento95@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de realizar uma breve explanação sobre os aspectos linguísticos da Libras – Língua Brasileira de Sinais e assim possibilitar a compreensão de como ocorrem os sinais na Libras, de acordo com cada região, a partir da Libras, que muitas vezes se modificam no nível fonológico entre outros parâmetros. Sendo realizado pesquisa documental, com a utilização de dicionário e glossário *on-line*.

Palavras-chave:
Diferenças. Libras. Regionalismo.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo brindar una breve explicación de los aspectos lingüísticos de Libras – Lengua de Signos Brasileña y así permitir la comprensión de cómo ocurren los signos en Libras, según cada región, con base en Libras, que a menudo se modifican en el nivel fonológico entre otros parámetros. Se está realizando una investigación documental utilizando un diccionario y un glosario en línea.

Palabras clave:
Diferencias. Libras. Regionalismo.

1. Introdução

Apesar da Libras ser uma língua que teve seu reconhecimento enquanto língua natural recentemente, em 1960 com Stokoe, no Brasil foi regulamentada enquanto língua somente em 2002, com a Lei nº 10436.

Dessa maneira muitos mitos e crenças sobre a Libras ainda são presente em nossa sociedade, alguns acreditam que se trata de uma língua artificial e sem possibilidade de expressar todos os conceitos. Contudo, essa não é uma realidade, se trata de uma língua com estrutura e funcionamento próprio.

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar mais de um aspecto dessa língua, que assim como a língua portuguesa, também tem regionalismos próprios em cada região do território brasileiro. Porém, com a percepção desses regionalismos é possível com a mudança em sua estrutura.

A busca nos arquivos se deu por áreas de concentração, pois os dicionários de Libras em sua maioria são onomasiológico, ou seja, agrupados por temas. Iniciamos com a Matemática, Biologia e por fim Língua Portuguesa.

2. Libras: aspectos linguísticos

A Libras – Língua Brasileira de Sinais – é a língua natural das comunidades surdas brasileiras, no Art. 2º do decreto 5626/2005 (BRASIL, 2005), define como pessoa surda “aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras”.

A Libras, por sua vez, obteve seu reconhecimento como língua natural mediante a Lei nº 10436/02, em que foi descrita como:

[...] a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002)

Conforme Quadros e Karnopp (2004), as línguas de sinais possuem os mesmos princípios subjacentes das línguas orais tendo seu léxico, ou seja, um conjunto de símbolos, gramática e um sistema de regras. Dessa forma, possibilita o pleno desenvolvimento linguístico de seus falantes, assim como o nível fonológico, morfológico e sintático. Contudo, no presente trabalho explanaremos os dois primeiros níveis.

2.1. Fonologia

De acordo com Quadros e Karnopp (2004), apesar das diferenças existentes entre as línguas orais e as línguas de sinais, o termo “fonologia” tem sido usado para se referir aos elementos básicos das línguas de sinais.

O argumento para a utilização desses termos (fonética e fonologia) é o que as línguas de sinais são línguas naturais que compartilham princípios linguísticos subjacentes com as línguas orais, apesar das diferenças de superfície entre fala e sinal (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 48).

Dessa maneira o som e a imagem seriam os recursos para comunicação e codificação das mensagens entre os emissores e receptores. A diferença seria o canal de comunicação, pois as línguas orais utilizam o canal oral-auditivo, enquanto as línguas de sinais utilizam o canal gestual-visual.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), a fonologia das línguas de sinais estabelece quais seriam as unidades mínimas que formam os sinais, além de designar padrões de combinações entre as unidades e suas variações no âmbito fonológico.

O sinal na Libras é formado a partir de cinco parâmetros, o primeiro sendo a configuração de mão (CM), é como a forma da mão deve ficar na formação do sinal. De acordo com Felipe (2005), existem 64 configurações de mão na Libras, podendo ser utilizado uma mão ou as duas, com configurações diferentes, ou mesmo ambas com a mesma configuração de mãos.

O segundo parâmetro é relacionado ao espaço onde o sinal será realizado, podendo ser o próprio corpo ou o espaço frente ao corpo, entre a cabeça e o quadril, sendo chamado de ponto de articulação (PA). O terceiro parâmetro é o movimento (M). Existindo inúmeros movimentos na realização do sinal, trata-se de um parâmetro complexo, pois durante a realização do sinal.

O quarto concerne a orientação (O), podendo o sinal ter direção ou não, indicando qual seria a posição das palmas das mãos. O último parâmetro são as expressões faciais e corporais (EFC), que complementam na formação do sinal. Tratando de uma língua gestual-visual.

2.2. Morfologia

Conforme Valli e Lucas (2000, p. 52): “morfologia é o estudo da formação de palavras, de como uma linguagem usa unidades menores para construir unidades maiores. A menor unidade significativa em uma língua é um morfema. Alguns morfemas podem ocorrer sozinhos, como unidades independentes”.

E sendo uma língua assim como as línguas orais, a Libras apresenta uma imensa variedade de léxico.

A língua de sinais tem um léxico e um sistema de criação de novos sinais em que as unidades mínimas com significado (morfema) são

combinadas. Entretanto, as línguas de sinais diferem das línguas orais no tipo de processo combinatório que frequentemente cria palavras morfológicamente complexas. Para as línguas orais, palavras complexas são muitas vezes formadas pela adição de um prefixo ou sufixo a uma raiz. Nas línguas de sinais, essas formas resultam frequentemente de processos não concatenativos em que uma raiz é enriquecida com vários movimentos e contornos no espaço sinalizado (QUADROS; KARNOPP, 2004. p. 87).

De acordo com diversos estudos existem duas afirmações sobre a criação de sinais na Libras, a primeira sendo pelo processo de incorporação do morfema como o principal meio, sendo o mais frequente na criação de sinais na Libras. A segunda afirmação é que o processo concatenativo também é empregada nos novas sinais na Libras. E ainda, de acordo com Quadros e Karnopp (2004) além dessas duas possibilidades, tem a composição que uniria dois sinais independentes para formar um novo sinal.

Quando dois sinais formam um outro sinal, esse sinal é denominado um sinal composto, nesse caso é comum que ocorra mudanças fonológicas que são explicadas por algumas regras: regra do contato, regra da sequência única, regra da antecipação da mão dominante (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Essas regras estão envolvidas no processo fonológico que podem alterar um ou mais parâmetro dos sinais ao longo de toda a história da língua de sinais. Aqui abordaremos tanto a mudança fonológica será abordada, como também a mudança lexical, sendo o processo de mudança de uma forma *conservadora* por uma *inovadora*.

3. Regionalismo na Libras

O léxico é o nível linguístico que melhor representa o modo como o povo representa a realidade, seus valores, crenças e como nomeiam o mundo em que vivem. Dessa maneira o léxico de uma comunidade linguística se transforma de acordo com os fatores históricos, geográficos e culturais. O vocabulário utilizado pela comunidade traz marcas da formação dessa comunidade linguística. “Em face disso e partindo do princípio de que o léxico representa um traço diferenciador marcante, no que diz respeito à variação linguística no eixo horizontal (ISQUERDO, 2003, p. 165).

O regionalismo necessita que se leve em consideração a questão da norma linguística no nível lexical, ao que remete a variação. “Assim, a marca dialetal no âmbito do vocabulário de um grupo sócio-linguístico-cultural relaciona-se diretamente à variação espacial (regionalismo) e à variação temporal (arcaísmos)” (ISQUERDO, 2003, p. 166).

Na Libras, a variação regional acontece quando existem vários sinais para o mesmo objeto, por exemplo o sinal para a cor *Verde*, existe mais de duas formas de sinalizar, vai depender da região que será utilizado.

De acordo com nossa pesquisa foram encontradas três maneiras de sinalização para a cor verde, como no exemplo abaixo (Figura 1).

Figura 1: Sinal “verde”.



Fonte: Elaborado por Garcia e Gimbal (2018).

Outro fator de variação existente na Libras são os grupos sociais, pois modificam a forma que sinalizam, por exemplo o grupo de idosos surdos, pois a maneira que eles sinalizam é diferente da maneira que os surdos jovens sinalizam, porém em sua execução a variedade é diferente.

Confirme citado por Oliveira e Marques (2013, p. 89 *apud* FELIPE, 1990, p. 81).

As línguas de sinais aumentam seus vocabulários com novos sinais introduzidos pelas comunidades surdas em resposta a mudanças culturais e tecnológicas. As línguas de sinais não são universais, cada língua tem sua própria estrutura gramatical. Assim como as pessoas ouvintes em países diferentes falam diferentes línguas, também as pessoas surdas por toda parte do mundo, que estão inseridos em “culturas surdas”, possuem suas próprias línguas.

De acordo com Isquerdo (2003), as mudanças que ocorrem em decorrência da influência do ambiente físico e sociocultural, se manifesta

no léxico, conforme os grupos sociais a qual está relacionada, sob a influência da localização geográfica.

Dessa maneira os falantes entram em contato com seus pares e dessa maneira renovam e ampliam o léxico de seu vocabulário, algumas se mantêm e outras se renovam. Quando esse contato acontece, a língua se transforma naturalmente, seja por fatores internos (fisiologia da articulação) e externos (contato com outras línguas) (DINIZ, 2011, p. 61).

O léxico de uma língua tende a renovar-se e a ampliasse, em decorrência de contatos linguísticos e interculturais e de necessidades de nomeação de novos referentes da realidade circundante, como também pode manter-se conservador em comunidades isoladas geograficamente e pouco expostas a avanços tecnológicos, a meios de comunicação de massa (ISQUERDO, 2006, p. 11).

No caso da Libras, o regionalismo ocorre com sinais diferentes, mas que conservam o mesmo significado. Dessa maneira, segundo Strobel e Fernandes (1998) a LBS apresenta seus dialetos regionais, mesmo que em determinada região tenham uma língua oral e uma de sinais, as línguas de sinais são independentes das línguas orais, pois foram produzidas dentro da comunidade surda.

3.1. Pesquisa documental

De acordo com Marconi e Lakatos (2003) a pesquisa documental a sua fonte de coleta de dados está baseada a documentos, escritos ou não, podendo ser realizada a busca no momento que ocorra ou depois.

No presente trabalho a pesquisa foi baseada em um dicionário e um glossário, do INES²²⁴ da região sudeste do Brasil, o outro do CAS/MS²²⁵ da região Centro-Oeste, ambos com acesso online. Assim, utiliza-se o método comparativo entre os sinais. Em outro momento após a comparação, foram identificadas e apontadas as mudanças que ocorreram.

²²⁴ Instituto Nacional de Educação de Surdos.

²²⁵ Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez.

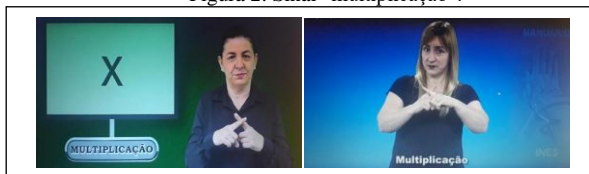
3.2. Documento da Pesquisa

Iniciamos o presente trabalho com a descrição dos dados em categorias com sinais representando um mesmo objeto em duas regiões diferentes, e em seguida a discussão dos dados coletados.

4. Análise dos dados

Primeiramente serão agrupados os sinais na categoria de sinais idênticos e posteriormente sinais que se distinguem em algum parâmetro linguístico da Libras (Figura 2).

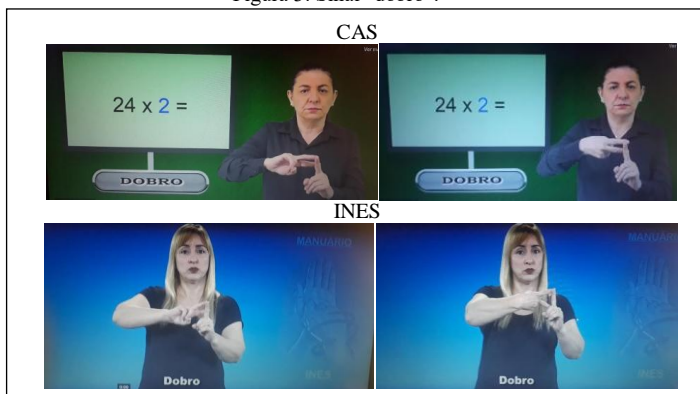
Figura 2: Sinal “multiplicação”.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Observa-se nessa primeira figura que se trata do sinal *multiplicar*, nas buscas realizadas em ambos arquivos, os sinais permanecem o mesmo, sendo sinais idênticos, não ocorreu nenhuma mudança fonológica ou lexical (Figura 3).

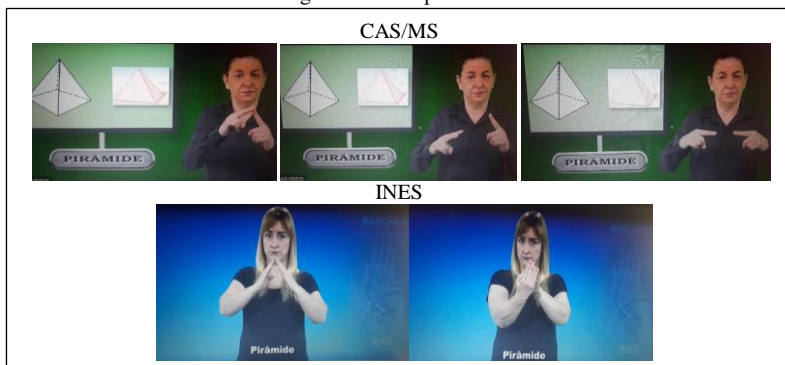
Figura 3: Sinal “dobro”.



Fonte: Elaborado pelo autor.

A segunda figura podemos constatar a mesma situação da primeira, ambas não ocorrem mudanças, sendo um caso em que os sinais se mantêm iguais mesmo distantes geograficamente (Figura 4).

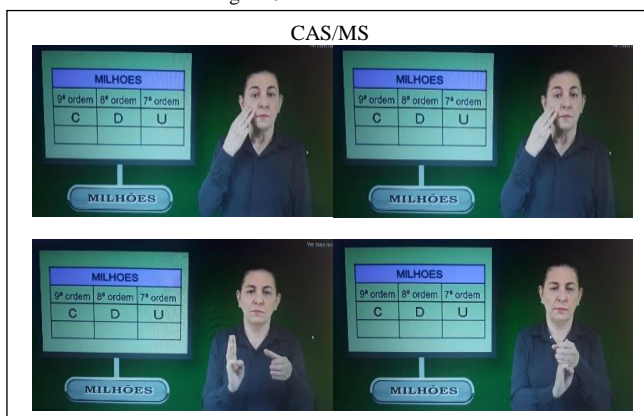
Figura 4: Sinal “pirâmide”.

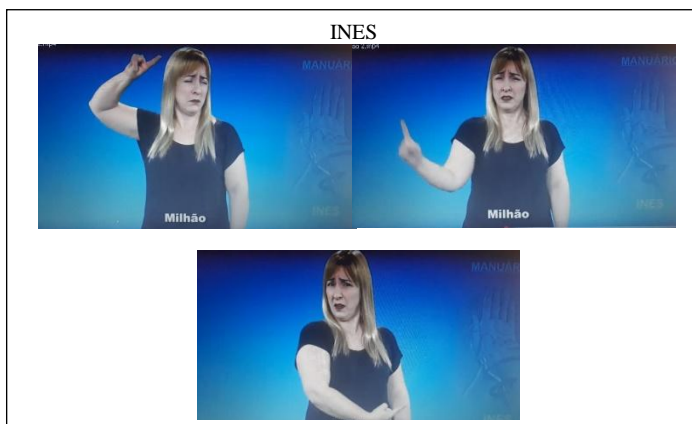


Fonte: Elaborado pelo autor.

Com a figura três, temos dois sinais com CM totalmente diferentes, movimentos diferentes, ambos sendo sinais com representação icônica do sinal *Pirâmide*, porém de maneiras distintas, sendo um caso de mudança fonológica, pois se altera os traços linguísticos do sinal de região para outra (Figura 5).

Figura 5: Sinal “milhões”

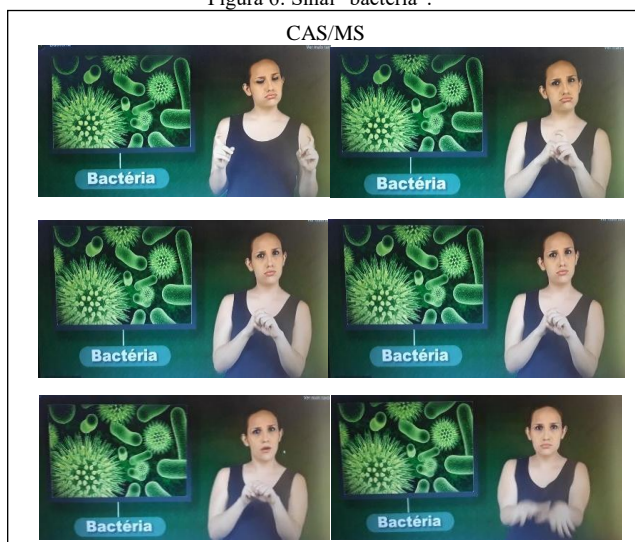


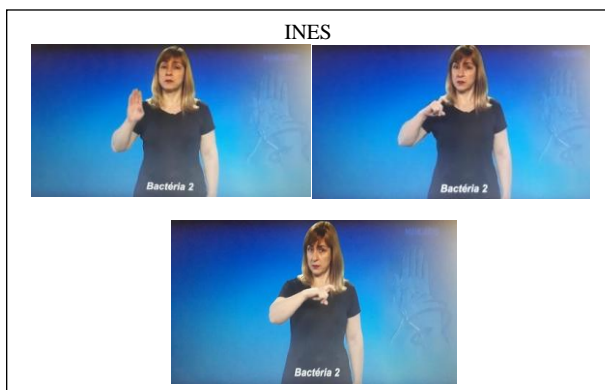


Fonte: Elaborado pelo autor.

Na presente figura temos o sinal *Milhões*, sendo um caso de sinais totalmente distintos, somente a semântica e compreendida pelos falantes de sua região, sendo possível que os falantes de confundam (Figura 6).

Figura 6: Sinal “bactéria”.

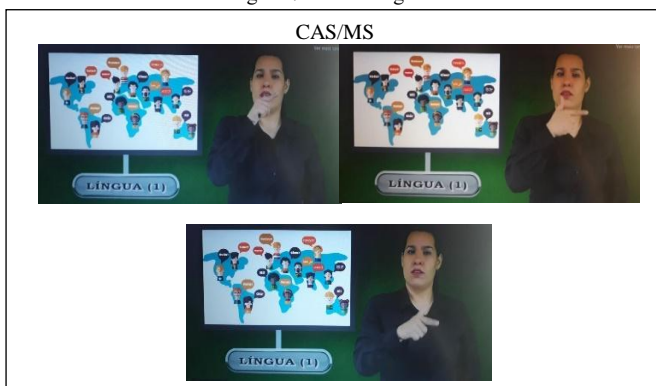


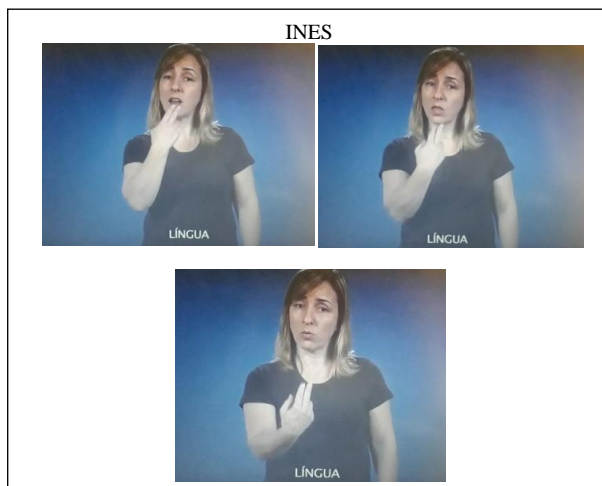


Fonte: Elaborado pelo autor.

Na presente figura temos sinais com formações diferentes dos anteriores, o sinal *Bactéria* no CAS\MS e um sinal composto, ou seja, um sinal que possui mais de um sinal para formar o sinal pretendido, no caso temos o sinal ORGANISMO + ESPALHAR, dando a composição do sinal *Bactéria*. No segundo exemplo temos o sinal com empréstimo linguístico do português, que acontece quando a letra do alfabeto é empregado no sinal (Figura 7).

Figura 7: Sinal “língua”.

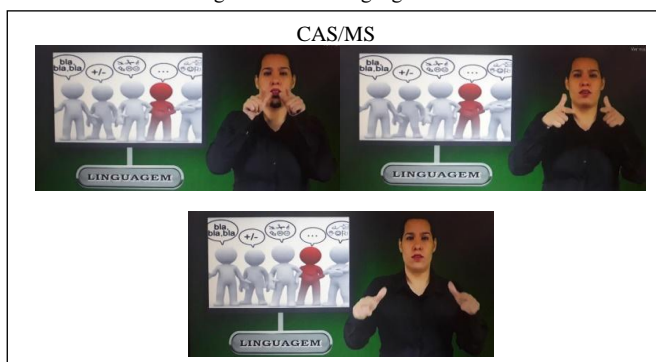


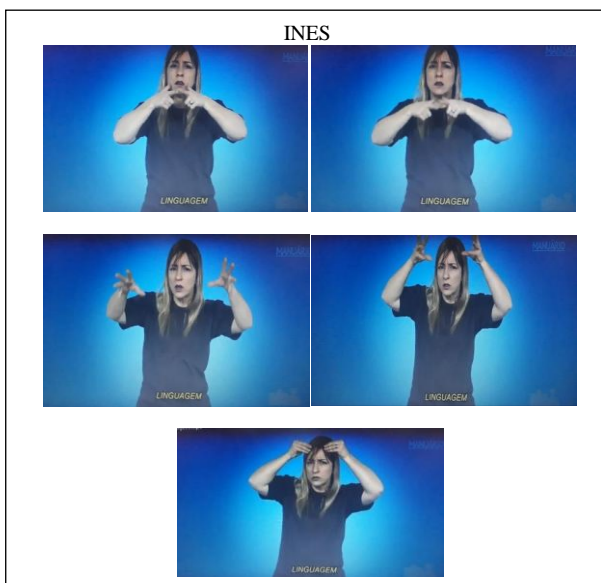


Fonte: Elaborado pelo autor.

Percebe-se com o sinal *Língua*, são sinais que pode causar certa confusão para os falantes, pois no CAS\MS o sinal cores se assemelha com o sinal de língua do INES. Ambos são sinais totalmente diferente em sua constituição (Figura 8).

Figura 8: Sinal “linguagem”.





Fonte: Elaborado pelo autor.

Observa-se a presente figura o sinal para *Linguagem*, inicialmente ambos são sinais idêntico, contudo o sinal do INES, realiza o acréscimo do sinal memorizar, sendo um sinal composto.

5. Considerações finais

Com a presente pesquisa, pode-se perceber que para que seja possível a compreensão sobre como ocorre a variação linguística na Libras é necessário compreender suas características linguísticas, tendo em vista que o significado muda de acordo com cada comunidade linguística.

Outra consideração possível é compreender a relação entre léxico e região, pois se tratando de um país com uma grande diversidade cultural, as variações influenciam na criação de sinais, dessa maneira se diferenciando na execução e linguisticamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Decreto nº 5.626. Regulamenta a Lei nº 10.436/2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art.18 da Lei 10.098/2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccvil_03_Ato20042005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 18 de novembro 2019.

BRASIL. Lei nº 10.436/2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras e das outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccvil_03/Leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 18 de novembro 2019.

CASSEDMS. Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez. 2019. Disponível em: <https://cassedms.blogspot.com/>. Acesso em: 18 de novembro 2019.

DINIZ, H. G. *A história da língua de sinais dos surdos brasileiros: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais da Libras*. Petrópolis: Arara Azul, 2011.

FELIPE, T. *Dicionário de Libras*. 2005. Versão atualizada. Disponível em: www.acessobrasil.org.br/libras/. Acesso em: 14 de outubro 2019.

GARCIA, A. K. C. GUIMBA, A. C. Variação linguística no léxico da língua brasileira de sinais: uma abordagem teórica. *V Congresso paraense de educação especial*, 17 a 19 de outubro de 2018 – UNIFESS-PA/Marabá-PA, 2018.

INES. *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais*. Vs. 2.0, 2006. Disponível em: www.ines.gov.br. Acesso em: 15 de novembro 2019.

ISQUERDO, A. N. O fato linguístico como recorte da realidade socio-cultural. Araraquara: Faculdade de Letras, Tese de Doutorado em Letras, 1996. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: MARIN, J. R.; VASCONCELOS, C. A. de (Orgs). *História, região e identidades*. Campo Grande: UFMS, 2003. p. 165-81

ISQUERDO, A. N. Brasileirismos, regionalismo e americanismos: Desafios e implicações para a lexicografia brasileira. In: GUEDES, M. BERLINCK, R. A. MURAKAWA, C. A. A. *Araquara: Laboratório Editorial FCI/UNESP*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. 198p.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos da Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 2003.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

QUADROS, R. M; KARNOPP, L. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: ArtMed,2004.

STROBEL, L. S. FERNANDES, S. *Aspectos Linguísticos da língua brasileira de sinais/secretaria de Estado da Educação*. Superintendência de educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

VALLI, C; LUCAS, C. *Linguistic of American Sing Language*. 3. ed. Gallaudet University Press. Washington, D.C.2000.